

5

MARIA JOSÉ ANTUNES ROCHA RODRIGUES
DA COSTA (*)

**REFLEXÕES
EM TORNO DO PAPEL
DO PROFESSOR
NO PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM**

ABSTRACT - Reflexions about the Teacher's Role in the Teaching-Learning Process.

At a time when pedagogues and social scientists question about the authenticity of school education, it is necessary to review the function of the school, the teaching systems and, consequently, the teacher's function. The teaching systems should promote the decentralization so that the pupil, the main character of the teaching-learning process, could be better supported. On the other hand, besides some making decisions concerning the educational aims, pupils' parents, students and society in a general way expect from the teacher not only an instructional and social leading performance, but even more communication, research, mental hygienics and an example of moral behavior as well. This way the school might have the possibility to strengthen fellowship and conceive humanization conditions.

RESUMO -

Reflexões sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem.

* Pos-graduanda em Psicologia da Educação (PUC-SP). Professora Titular de Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau da FFCL de Sorocaba

Numa época em que pedagogos e cientistas sociais questionam a validade da educação escolarizada, necessário se faz rever a função da escola, dos sistemas de ensino e, conseqüentemente, o papel do professor. Os sistemas de ensino deveriam promover a descentralização para que o aluno, figura principal do processo ensino-aprendizagem, pudesse ser melhor atendido. Por outro lado, além da tomada de decisões em relação aos objetivos educacionais, pais de alunos, alunos e a sociedade de modo geral, esperam, do professor, desempenho de liderança instrucional e social e, ainda, que ele seja comunicador, pesquisador, higienista mental e que dê exemplo de conduta moral. Só assim a escola teria possibilidade de fortalecer a solidariedade e gerar condições de humanização.

Atualmente o papel do professor é questionando na medida em que o ensino formal é colocado na berlinda em função de uma aprendizagem que se processa cada vez mais através dos meios de comunicação de massa.

O papel de selecionar, organizar e avaliar as experiências de aprendizagem estaria sendo substituído pela explanação, pela informação, pelo "mostrar como", num sistema acoplado vídeoXfascículo, onde não mais o professor selecionaria e organizaria as experiências de aprendizagem, mas uma equipe de programação o faria. A avaliação estaria sendo substituída pela auto-avaliação. As aulas dadas pela TV teriam como vantagem o fato de oferecerem melhor qualidade de arranjo e organização da classe quanto a cor, luz, e equipamentos, tarefas essas que, nas escolas, dificilmente fariam parte do papel do professor. Depois de

uma listagem exaustiva de pontos positivos de um ensino ministrado pela TV, onde a figura do professor está ligada ao aluno de forma indireta, diríamos, provavelmente, que o papel do professor estaria se esvaziando aos poucos nos dias atuais.

No entanto, se considerarmos ensino como influência inter-pessoal, onde a iniciação e a direção da aprendizagem estariam sujeitos à flexibilidade e limitação das características de personalidades e ajusta-
mento de alunos e de professores ou, ain-
da, ensino - aprendizagem como um processo interrelacionado sujeito à influência de variáveis do aluno, do professor e do pró-
prio processo, aí, então, novamente nos encontraríamos valorizando o professor que trabalhasse diretamente com o aluno ou com o grupo-classe. Parece-nos certo que o aluno aprende por meio de atividades indivi-
duais e de grupo e interage como o ambien-
te de tal forma que o ato de aprender não pode apenas se confundir com informações -
quantitativamente avaliáveis.

Não só o professor passaria a ter um -
papel relevante nesse nosso último enfoque, mas a própria escola, sistema social que --
tem a finalidade de proporcionar ensino formal. No entanto, nos dias atuais, ambos, escola e professor não satisfazem às expecta-
tivas de pais, de alunos e da própria comu-
nidade, tanto que terão, ao que tudo indica, que se submeter à prova de fogo para conse-
guirem sobreviver, com garantia de estrutu-
ra sólida até o ano 2000.

"Nunca houve tanta demanda de educação e nunca houve tanta insatisfação com a es-
cola. Nunca se proporcionou tanta educação, mas nunca a sociedade rejeitou tanto o pro

duto da educação intitucionalizada, como mostra a crescente taxa de desempregos escolarizados em muitos países.". Esse é um trecho do "Relatório Faure", elaborado por uma comissão presidida por Edgar Faure, ministro de Assuntos Sociais da França, para a UNESCO. Com base nesta constatação, a comissão prevê que a escola perderá, cada vez mais, a pretensão de assumir sozinha as funções educativas da sociedade.

• É importante e urgente que a escola promova a revisão dos elementos de saída (produtos da aprendizagem), como condição "sine qua non" de uma avaliação eficiente dos elementos de entrada (entre outros, professores e alunos). A escola como sistema social onde interagem pessoas diferentes com funções diferentes, porém todos empenhados na mesma finalidade de educar, dever-se-ia esperar que condições otimizadoras gerassem um relacionamento humano capaz de assegurar um comportamento saudável, criativo e consciente do aluno em relação ao meio social.

Quanto aos sistemas de ensino, a expectativa seria, não só a de proporcionar verbas coerentes com a necessidade de trabalho, mas também de promover a descentralização suficiente para que a teoria pudesse se unir à prática quanto a realização de um ensino centralizado no aluno. Se a escola e os sistemas de ensino precisariam mudar para promover a atualização indispensável ao processo ensino-aprendizagem, ao professor caberia estabelecer prioridades quanto às categorias de papéis questionáveis em função de outras variáveis que interferem na aprendizagem como processo e comprometem a aprendizagem como produto. Sendo assim, a eficiência docente envolveria uma

interação complexa entre papéis exercidos pelo professor e fatores da comunidade, da escola, do sistema de ensino, e dos alunos.

É muito comum a abordagem do ensino centralizado no aluno X qualidade do ensino mas, na literatura pedagógica não é tão fácil encontrarmos relação entre qualidade do ensino e desempenho do professor, abordagem essa, que, a nosso ver, seria indispensável para um ensino satisfatório.

Estudos sobre atitudes, valores, interesses, necessidades e ajustamento, personalidade, capacidades cognitivas, foram feitas por Biddle (1964) que reviu a literatura até então acumulada por investigadores da eficiência docente. Entre eles Backheuser (1945) havia agrupado as categorias existentes colocando como bom professor "o indivíduo que além de possuir conhecimentos técnicos (qualidades daquele que ensina), é dotado de qualidades muito acentuadas de liderança, bem como de características estruturais nítidas tanto religiosas como científicas e sociais (qualidades daquele que educa) não lhe faltando também certo número de predicados físicos favoráveis a todo homem".

Com Biddle, apesar da dificuldade existente em se definir exatamente o significado de um professor competente, ficaram destacados 3 principais categorias de papéis desempenhados pelo professor relacionados com "pessoa que ensina, pessoa que educa, e pessoa que administra".

Pesquisas realizadas junto aos alunos demonstraram tanto nos EEUU (Backheuser - 1945), como em São Paulo (Brandão-1963) que as qualidades pedagógicas (preparo pedagógico, clareza de expressão, concisão, boa

dicção, cultura especializada, cultura geral, conhecimentos bio-psicológicos) tiveram o maior número de sufrágios em respostas dadas por alunos da segunda fase do ensino de 1º grau (5ª. a 8ª. séries).

Mais recentemente Bushnell e McDonald ampliaram as categorias de papéis do professor até então consideradas, quando apresentaram como importantes o papel de higienista mental e de pesquisador. Concordando com Bushnell (1970), teríamos quatro categorias - liderança instrucional (referente - àquele que ensina), liderança social (referente a trabalho com grupos dentro e fora da escola), comunicação (com relação a pais e outros professores), e higienista mental (equilibrador de tensão entre alunos e outros tipos de tensão gerados por variáveis intervenientes).

O papel de planejador teria sua formativada no trabalho indispensável de tomada de decisões quanto à escolha e consecução de objetivos gerais do ensino de 1º Grau (artigos 1º e 17 da Lei 5692/71) e do processo educativo (Resolução 8/71-CFE) adaptando-os aos objetivos de sua matéria, levando em conta características da clientela e do grupo-classe.

O papel de pesquisador determinaria um trabalho com teorias e hipóteses, garantindo um ensino de caráter científico conforme a pedagogia atual exige.

Ao lado desses detalhes técnico-pedagógicos que envolvem a ação docente, ao professor caberia compactuar com a escola no sentido de ampliar e fortalecer a solidiedade e gerar condições de humanização, de fato. O papel do professor teria, portan

to, além da conotação cognitiva e emotiva que propusemos, a inegável conotação moral, sem a qual não estaria garantida a presença da responsabilidade, da personalidade z justada e da visão equilibrada da vida.

Para terminarmos nossa reflexão, transcrevemos as palavras, sob a forma de poema de um grande pensador sorocabano, Prof. Fernando Rios, dirigidas a um educador.

A um educador

Não é o que dizes,
Não é o que falas,
Não é o que pregas,
O que mais vale para educar.

O que educa
Ou mal educa
É o teu exemplo
É o que és.

Se não sabes ser justo e nobre,
Se não sabes ser humilde e puro,
Se és mau caráter e não és veraz,
Se não sabes perdoar quem erra,
Sempre orgulhoso do teu saber,
Sempre co's fortes, por ser mais forte,
Deixando o fraco sempre atrás,
Tem coragem!
Agarra um sacho e vae sachear a terra,
Que a Pátria inteira te agradecerá.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - BUSHNELL, D. S. and Rappaport, D. - Planned Change in Education. N.Y. Harcourt Brace, 1970.
- 2 - FAURE, Edgar - A Educação e o destino do homem - in O Correio - UNESCO - nº 01, jan. 1973, p. 6 - 10.
- 3 - FLEMING, C. M., Psicologia do ensino, - CEN., 1971, S.P.
- 4 - RATHS, Lous E., What is a good teacher? Childhood Education, XI nº 09 (may - 1964) - 451 - 456. Reprinted by permission of the A.C.E.I.